

Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA
FILIADO NO SINDICATO DA PEQUENA IMPRENSA E IMPRENSA REGIONAL

Redacção e Administração:

Av. Almirante Reis, 121

Propriedade da:

«Academia Portuguesa» (Constituenda)

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ABEL DOS SANTOS

Numero avulso \$50

5 numeros	2\$50
12	6\$00
25	12\$00
52	25\$00

PAGAMENTO ADIANTADO

Comp. e imp. na Tipografia Aguedense—AGUEDA

«Academia Portuguesa» saúda a academia de Coimbra

O numero especial que hoje dedicamos a Coimbra não é só aos estudantes que, queimando os «grêlos», recebem as insígnias de doutores.

A queima dos «grêlos» e a imposição das fitas proporcionou-nos, sim, o ambicionado desejo de homenagearmos a academia de Coimbra, que acima de tudo, acima do individualismo egoísta, sabe ser académica, ciosa do seu adjectivo e da sua capa.

Também há queima de «grêlos» em Lisboa, também há imposição das fitas no Porto. Mas, aqui e lá, não passa essa cerimónia do jardim de cada uma das Faculdades.

Em Lisboa, nem os vizinhos estudantes de Medicina e Direito compartilham conjuntamente da mesma alegria. Para que não se vejam, nem o público os veja, escondem-se como que envergonhados no pátio e no jardim de cada Faculdade, eles que têm de comum um jardim tão largo!...

D'ali vão exoladamente procurar qualquer meio futrica para seus divertimentos; em Coimbra, são os futricas que procuram os divertimentos académicos. A academia põe Coimbra toda em festa.

Do alto destas colunas, enquanto nos insurgimos contra o individualismo académico e advogamos a «Queima das Fitas» de todas as Faculdades no vasto jardim do Campo de Sant'Ana, junto às Faculdades de Medicina e Direito, rendemos o preito da nossa maior admiração e homenagem à Academia de Coimbra que acima de tudo é ciosa da sua qualidade de académica.

A Direcção.

Exames de Admissão

Saiu já o programa dos exames de admissão às diversas faculdades, que publicaremos no próximo número com as indicações do Decreto 21689 que mais convem conhecer.

De 15 em 15 dias

João Gomes (Melos), Presidente da Comissão Central da Queima das Fitas, fala à «Academia Portuguesa»

Tarde tépida, característica da quadra. São duas horas.

As mesas da Central enchem-se de capas negras, grêlos e fitas largas.

Fala-se no 27 de Maio! O que é o 27 de Maio?

Desde a revolta dos estudantes em 27 de Maio de 1907, que se usa, em Coimbra, comemorar esse dia com festejos deslumbrantes e espetáculos de gala. É o 27 de Maio!

Este ano, a maravilhosa organização do programa, promete umas festas brilhantíssimas, sem precedentes na história da Queima das Fitas da «briosa».

Quizemos fazer uma pálida ideia da função e, quem pagou as favas, foi o Melos, o

Por intermédio de
«Academia Portuguesa»
saúdo a mocidade estudiosa de
Portugal.

António Ferrer
Presidente da Academia de Coimbra

João Gomes, madeirense dos quatro costados e estudante coimbrão até à medula. Vimos tremelicar, ao longe, o seu grêlo amarelo de qua tanista de Medicina.

O Melos, atarefado e assediado por legiões de grêlos amarelos, vermelhos, azuis, às riscas e aos quadradinhos, mal tem tempo para pensar em atender-nos. Mas...

... um sorriso vence tudo, até um grêlo do que se faz caro e, eis-nos, frente a frente, num jogo rápido de perguntas e respostas. O Melos, sorridente, no seu sotaque pronunciadamente ilheu, quer esquivar-se:

—Você compreende... o tempo!?

—Só duas palavras, meu caro Melos! «Academia Portuguesa» é pouco exigente! Contenta-se com um ligeiro esboço do programa da Queima.

—Nem outra coisa lhe posso dizer...

Nesta altura chega o Tony, organizador «honoris causa» de todos os programas que se possam imaginar.

Senta-se e ouve.

—O he,—continua o Melos—no dia 25, primeiro dia de festejos, será inaugurado o Salão de Arte Académica, o IVº Salão Académico:

—... quadros?

—Quizemos fazer um pouco mais. Além de Desenho e pintura também haverá secções de Escultura e Música.

—Você expõe?

João Melos, artista de valor, premiado em diversas exposições, esclarece:

—Só aguarelas e alguns óleos.

E, atalhando:

... você compreende... o tempo!?

—Só isso?

—Como é o «dia do Quintanista», os quintanistas venderão as miniaturas de pastas, com fitas e versos de poetas portugueses consagrados, a favor do «Ninho dos Pequenos».

—E à noite?

—Um baile fantástico, no Salão Nobre da Camara Municipal, de homenagem ao nosso Reitor e ao sr. Governador Civil.

—E o dia 26?

—É o «dia do Caloiro».

—Dia da garraíada, não?

—Garraíada é favor!—exclama o Melos, sorridente—Tourada, tourada é que é! Os caloiros, este ano, são bastante espigadotes e, nesse dia

... o caloiro arranja cornos

P'ra juntar aos que já tem!

—Boa piada! E à noite?

—O he; entenda-se aí com o Tony que é técnico dessas coisas.

O Tony, sorri, enche-se, treme e... queda silencioso, como qualquer lágrima que se presa.

—Então?

—Ainda não adivinhou?...

—...

—É a noite do Sarau de Gala da Academia! Apresentação dum bebé rechonchudo, o Grupo de Beneficência Académica (Karminoff) e a charanga completa: Orfeão, Tuna e Fado! Uma noite em cheio!

—E depois?

—O dia 27! O grande dia! Escreva com maiúsculas: O GRANDE DIA!... Foguetes, músicas, gaiteros, Zés-Pereiras e o Cortejo. Temos mais de cinquenta carros inscritos.

CAMÕES

Sendo no dia 10 de Junho o aniversário da morte do imortal épico, o próximo número especial com escolhida colaboração camoneana, sairá só no dia 9 de Junho.

—Nesse dia—diz o Tony—há uma surpresa!

—O que é?—preguntámos.

—A reunião do Congresso Vinícola Internacional, em Coimbra...

—... que resolverá proibir a existência de vinho em depósito. A Academia ciosa do seu brio, cumpre rigorosamente a resolução do Congresso, entornando os milhões de litros de vinho que existem por aí.

—Para o chão?

—Não! Para o estômago!...—afirma o Melos.

—Depois...

—À noite, então, vai ser um delírio! O «japão» até desmaia, de boca aberta, por causa dos festejos no Parque da Cidade: iluminação minhota, iluminação veneziana, projectores potentíssimos por todos os cantos, tómbolas, concerto pela Banda de Metalhadoras e um fogo de artifício que é qualquer coisa de atestado!

—E, ficamos por aí?

—Não, não! Como o dia 28 é domingo, tivemos de o aproveitar para a garrafeira...

—... com bois autênticos sem serem caloiros—exclama o Tony, à láia de piada.

—3, para terminar, a apoteose máxima, à noite, também no Parque!... O mesmo programa de 27 mas... com um fogo da Casa Castro, de Viana do Castelo, piramidal, formidável, de arromba!

—Só foguetões, para «boquets», são mil! —corta o Luiz Esteves Ramires, de «iências que, com o José Mendes de Almeida de Letras, Manuel Faím Pessoa, de Direito e Armando Pinho e Melo, de Medicina, constitui a Comissão Central da Queima das Fitas, sob a Presidência do João Gomes (Melos) que, amavelmente, se despede de nós e num turbilhão de capas negras, de pastas, grelas e fitas, desaparece, atarefado e assediado pelos que, dentro em pouco, deixam de ser estudantes, para serem os Senhores Doutores, Advogados, Professores, Engenheiros e Médicos.

—.. Desempregados! (opinião do Tony)
Coimbra, 5 de Maio de 1933.

A. P.

O DIQUE

Como já é do conhecimento público, a Associação Escolar da Escola Comercial de Ferreira Borges, secundada por várias congêneres do país, tomou a iniciativa de se reclamar, junto de quem de direito, sobre o decreto que tornou obrigatório o exame de admissão aos Institutos Médios de Comércio.

Não pode ser mais simpática essa acção de defesa dos interesses de milhares de alunos, grandemente prejudicados com a disposição legal que acaba de ser creada, que tem o cunho da maior injustiça.

Constata-se com pesar que se servem dum argumento mesquinho, como é o da falta de instalações suficientes, para impedirem (porque não diz-lo?) o desenvolvimento intelectual, o que é inadmissível.

Estes casos, que repugnam, aparecem repetidas vezes, emanados do ponto donde se dirige superiormente o ensino português.

Aquêle a que me estou reportando, limita ao curso das escolas complementares de comércio, a carreira das pessoas que as estão frequentando, pois, se tentarem o exame de admissão (que é forçoso ser bem pago, para gratificar o juri...) é muito provável, que obtenham uma «rapôsa», atendendo ao facto de serem sistematicamente reprovados, por assim dizer, quasi todos os que lá fôrem prestar provas.

António Arruda Ferrer Correia,

Presidente da Academia de Coimbra, diz de sua justiça:

Uma entrevista com um Presidente duma Academia é sempre um caso bicudo, uma coisa séria. Quando se trata dum Presidente duma Academia que tem nome, que é um cartaz de propaganda turística dum País com oito séculos de existência, a coisa séria transforma-se em acontecimento de retumbância.

Mas o Ferrer não admite preconceitos. E' Presidente da Academia de Coimbra, como é "urso grelado", de Direito, como é "baixo", do Orfeon, como poderia ser absolutamente o contrário de tudo isto.

Encontrámo-lo à saída do Salão Nobre da Associação Académica, onde o ilustre jornalista senhor Armando de Aguiar acabava de proferir uma conferência sobre uma das suas especialidades—das que lhe conhecemos—os "Sokols".

—Felicit-o, Dr. Ferrer, pelo êxito da realização desta conferência.

—Isso não é comigo. E' com o conferente.

—Concordo. Consigo vai ser um interrogatório que lhe vou fazer!...

—Você assusta-me?!

—...

—Ah! Já sei! O Saraiva já me disse, já me contou a sua fúria entrevistadora! Que me quere?

—Saber o que é a Associação Académica de Coimbra.

—Isso é muito vago!

—Em que se traduz a acção da Associação?

—A nossa Associação podia ser muita coisa e não é nada!

—Porquê?

—Por causa do seu pequeno movimento associativo, comparado com o número de estudantes que por cá andam e... muitas coisas mais!

—Uma?

—A falta de um subsídio do Governo. Havia um, mas, desde Junho do ano passado, não no-lo dão!

E bem o merecíamos porque, afinal, a Associação Académica, e o complemento, é o tapa-buracos da imperfeita organização universitária. A Universidade visa a preparação profissional do estudante. A Associação Académica teria idealmente por máxima finalidade, no campo intelectual, auxiliar a formação do seu espirito sob o aspecto extra-profissional. Êste fim só muito imperfeitamente se consegue, dado que, a sua realização integral, implica a existência de meios de que não dispõe.

—E quais são êsses meios?

—A possibilidade de organização de cursos extra-universitários de preparação intelectual, a existência duma biblioteca extra-completa...

—Você está muito extra!...

E' verdade! E até já. Estão á-minha espera!

* * *

O Ferrer, a correr, desaparece e eu, a correr, também digo:

—Até já! Um Presidente duma Academia é um martir!

Reconhece-se sem esforço a razão que nos assiste, e, bem apoiados, não deixaremos a luta enquanto a nossa reivindicação não vingar.

É uma quantidade enorme de alunos, que, na exposição apresentada, pedem Justiça. Aguardemos que ela seja feita por S. Ex.^a o sr. Ministro da Instrução.

Inácio de Barros.

DESPORTO

Os campeonatos escolares de atletismo constituíram um autentico sucesso...

... E' verdade! Custa a crêr, mas é verdade! Sob todos os pontos de vista decorreram esplendidamente estas interessantes provas. Boa organização, bons resultados, cêrca de duas centenas de concorrentes, grande assistência, muito entusiasmo, tudo bom enfim...

Oxalá fossem assim todas as provas inter-esportivas nos outros desportos, onde áparte o foot-ball, as provas se realizam mais no papel que no campo. Vamos pugnar de novo com o melhor do nosso esforço pela ideia do desporto escolar mudando porem o objectivo inicial, «fundação de uma Federação Desportiva dos Estudantes», para outro «acção conjunta dos estudantes com as Associações oficiais para a realização do maior numero de provas escolares», sendo esta mudança derivada do facto de o Ministério da Instrução não permitir associações de estudantes de escolas diversas.

Como o tempo e o espaço são poucos, máu grado nosso, limitamo-nos neste numero a publicar a lista dos campeões escolares de 1933 deixando para o próximo, *possivelmente*, alguns comentários sobre os resultados técnico dos campeonatos das escolas secundárias a que não pudemos assistir e as nossas impressões sobre os campeonatos universitários a que assistimos e... concorrêmos.

Eis os campeões para 1933:

ESCOLAS SECUNDÁRIAS

60 m. filiados: Mário Ferreira (P. Nunes)
60 m. não filiados: Ricciardi (P. Nunes)
100 m. filiados: Mario Ferreira (P. Nunes)
100 m. não filiados: Farelo (P. Nunes)
800 m. filiados: Liberto Ralha (V. Beirão)
800 m. não filiados: Almasqué (V. Beirão)
3x60 m (mixto): Liceu Pedro Nunes
Comprimento, filiados: Cristóvão Cardoso (R. Sampaio)
» não filiados: Ricciardi (P. Nunes)
Altura, filiados: Cristóvão Cardoso (R. Sampaio)
» não filiados: Ricciardi e Macêdo (P. Nunes)
Pêso, filiados: Silva Fino (R. Sampaio)
» não filiados: Anibal Mattos (R. Sampaio)
Disco, filiados: Liberto Ralha (V. Beirão)
» não filiados: Alves (V. Beirão)
Dardo, filiados: Silva Fino (R. Sampaio)
» não filiados: Vilas Bôas (P. Nunes)
Vara, filiados: Cristóvão Cardoso (R. Sampaio)
» não filiados: Costa

ESCOLAS SUPERIORES

(Filiados e não filiados)

100m: Carvalhosa (E. M.) e Cunha Rosa (F. C.)
200m: Calheiros Viegas (F. D.) e Silva (F. C.)
400m: Martins Vieira (I. I.) e Ferreira (E. M.)
800m: Stucky (E. F.) e Paulos (F. C.)
1500m: Stucky (E. F.) e Paulos (F. C.)
110m barreiras: M. Vieira (I. I.) e P. Magalhães (F. C.)
Comprimento: Carvalhosa (E. M.) e C. Rosa (F. C.)
Altura: Luiz Aguiar (F. C.) e Vitor Brandão (I. I.)
Vara: Moreira Campos (F. C.) e P. Magalhães (F. C.)
Pêso: Vasconcelos (I. I.) e Simões (E. M.)
Disco: Vasconcelos (I. I.) e Andrea (F. C.)
Dardo: Braga (I. I.) e Andrea (F. C.)
3x100: Faculdade de Ciencias.

Concorreram as faculdades de Ciencias, Direito, Económicas e Finanças, Escola Militar e Instituto Industrial

A Associação regional pensa organizar mais provas. Bem haja! e claro ter-nos-há ao seu lado. Começamos pelo ping-pong e continuaremos pelo atletismo...

Calheiros Viegas.

Escola Comercial de Ferreira Borges

Organizada pela Associação Escolar, deve realizar-se, nos proximos dias 9, 10 e 11 de Junho, uma excursão de estudo, que percorrerá, como terras principais, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Pombal, Coimbra, Buçaco, Penacova, Tomar e Santarém.

Serão visitadas várias fábricas de vidro, fiação e tecelagem, etc.

Juntando o útil ao agradável, estas excursões despertam sempre interesse, pelo que a rapaziada anda de facto bem entusiasmada.

Jorge de Moraes (Xabregas)... "canta" o Fado Académico de Coimbra!

Para se cantar o fado, sempre ouvi dizer, é preciso ambiente. O ambiente dêste "fado" é seductor: uma sala "dernier-cri", a sala das taças da Associação Académica. Há para ali prata às carradas! Prata e... poltronas!... Eu, estou recostado numa. O Jorge de Moraes, noutra.

—Como nasceu a idéa da fundação do Fado Académico de Coimbra?

—Há três anos, quando o Menano, o Paradel, o Betencourt, o Góis, o Jonnot e os outros, tinham abandonado a Luza-Atenas com as suas cartas de curso, vimos, com máguia, que não havia quem cantasse o fado, em Coimbra. Foi por isso que se fundou o Fado Académico.

—Mas, desde que aparecessem gargantas privilegiadas, essa organização não tinha razão de existir!?

—Mesmo assim houve de se atender ao aperfeiçoamento dessas gargantas, em geral sem disposição para cantarem o fado. Além disso, também tivemos de pensar no complemento das gargantas: as guitarras e as violas!

—Em parte. O fado tem modalidades: há o fado de Lisboa e o fado de Coimbra; são os principais. Cada um traduz uma feição especial de sentimentos: o do Sul, melancólico; o do Norte, garrido. O fado de Lisboa é um fado Forjaz de Sampáio, um fado muito "Palavras cínicas": o de Coimbra, é um fado bem educado, um fado "Alta Roda" de Júlio Dantas, todo "punhos de renda"!

—Sou de Lisboa e, se quere que lhe diga, não gosto do fado da minha terra, nem do fado de Coimbra.

—Não me admiro. Há muita gente de bom gosto que não aprecia o fado!

—Agradeço a distinção!

—E sabe porquê?...

—?...

—Porque o fado está banalizado. O fado não tem o pleno agrado das multidões porque se abusou dele! E' ver os milhares de discos que por aí há com fados gravados!

—E tem-se conseguido a finalidade do Fado Académico?

—Integralmente, não! A natureza rebelde dos rapazes com voz para o entoarem não permite o seu aperfeiçoamento. No entanto, alguns já cantam e tocam o fado, à custa do Fado.

—O que tencionam fazer, de futuro?

—Organizar cursos de música e canto. Já falei com o Raposo Marques.

—Muito bem! E agora, meu caro Presidente...

—... não sou Presidente, sou Vice-Presidente! Compreende, preciso formar-me êste ano!

—Pois desejo-lhe as maiores felicidades nos actos e perdôe-me a maçada que acabo de dar-lhe!

—Não me maçou, pelo contrário! Mas, se me tivesse maçado, não fazia caso, porque é o costume dos jornalistas e, você...

—Sou um jornalista de via reduzida, bastante "décanville"!

—Bôa piada!...

* * *

Jorge de Moraes, o veterano Xabregas, fundador e Vice-Presidente do Fado Académico de Coimbra, forma-se êste ano.

Entre as espirais de fumo azulado dum "francês" estica, sonda qualquer coisa de misterioso!... Sabe-se lá o que será! Talvez o fado do Fado!?

E' assim que o deixou.

Instituições académicas

Associação Académica

Com êste titulo, foi publicado no dia 7 um número único duma revista, dedicada aos grupos de Foot-ball e Basket-ball da Associação Académica, campeões de Coimbra na presente época.

—A Associação Académica derrotou o Grupo Desportivo Sanjoanense, de S. João da Madeira, por 1-0, na primeira eliminatória do Campeonato Nacional de Foot-ball.

* * *

Centro Republicano Académico

A convite dêste Centro, realizou uma Conferência intitulada "Ciência e Religião", o sr. Dr. Abel Salazar, professor de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto.

A conferência principiou no dia 7, pelas 21,30 horas, na sala da Sociedade dos Artistas e foi continuada no dia 8, no mesmo local e hora.

* * *

«Orféon» Académico de Coimbra

Ao velho agrupamento coral da Universidade de Coimbra acaba de ser concedido o grau de Comendador da Ordem de Benemerência, justa consagração a 54 anos de trabalho e a centenas de espectáculos cujos productos têm revertido para casas de caridade. Basta citar a fundação, a expensas suas, do Jardim Escola "João de Deus", para se compreender o alto critério do Governo da República agraciando o "Orféon", Académico de Coimbra com tão valioso galardão.

Os estudantes orfeonistas resolveram cotizar-se para a compra da comenda que será imposta, no estandarte do glorioso "Orféon", em espectáculo público de gala.

"Academia Portuguesa" cumprimenta o "Orféon", Académico de Coimbra felicitando-o pela honrosa distinção de que acaba de ser alvo.

PESTA ACADÉMICA

A festa anunciada no último número, foi, por motivos imperiosos, adiada para o dia 27 com o programa ampliado, e a cerimónia da "Queima das Fitas".

Os estudantes têm o desconto de 50 % no preço dos bilhetes.

FOOT-BALL

Realizou-se no passado dia 17 um encontro de «foot-ball» entre a Escola Minerva e o Colégio Lisbonense, do qual saiu vencedor o grupo daquela Escola.

A cinco minutos de jogo, o extremo-esquerdo da Minerva abriu a mar ação com um ponto impecavel. Durante a primeira parte, os «backs» do grupo vencedor trabalharam com acerto, principalmente o direito que corta, com uma rapidez digna de destaque, as avançadas contrárias, das quais só duas chegaram ao guarda-rêdes.

Do Lisbonense, é Mourato quem trabalhou melhor, mas com muita violencia.

O primeiro tempo, que foi de domínio absoluto do grupo vencedor, termina com 1 a 0 a favor deste.

Na segunda parte, com periodos alternados de domínio, o marcador variou até acabar com a vitória do Minerva com 5-4. Neste tempo, o defesa-esquerdo dos vencedores, destacou-se.

Recomenda-se:

Alfaiataria de A. J. Leitão

Praça do Chile, 9—LISBOA

A casa que melhor trabalha em fatos de estudantes.

Francisco Serrano Baptista,

o homem que arrebatou Lisboa com suas canções, diz do «Karminoff» Académico...

Serrano Baptista, fundador-director do Karminoff, é quintanista de Direito e, quando sair êste número de "Academia Portuguesa", deve já estar casado. Duas razões fortes para perdermos as esperanças de o tornar a ouvir nas canções da "Monda" e da "Morena".

Serrano Baptista anda atarefado. Não se deixa entrevistar, por falta de tempo para atender-nos. Por conseguinte, entregamos-lhe um pequeno questionário e, são as respostas a êsse questionário que vamos ouvir.

QUESTIONÁRIO

I—Porque foi fundado o Grupo Karminoff Académico?

II—Quantos espectáculos efectuaram?

III—Foram todos de Beneficência?

IV—Quais os resultados obtidos?

V—Qual o futuro do Karminoff?

* * *

Serrano responde:

A primeira pergunta deixa-me embaraçado! Porque foi fundado o Grupo Karminoff?! A isto respondo-lhe que o Karminoff não foi fundado.

Em Janeiro de 32, saiu de Coimbra um grupo de rapazes, com umas coisas ensaiadas, para realizar um espectáculo de beneficência em Oliveira do Hospital. Fizemos sucesso e o grupo foi crismado de Karminoff, por causa do Carminé, meu futuro cunhado, o homem de mais laracha que levávamos. O Carminé foi então nomeado Presidente do Grupo e, de aí para cá, os espectáculos têm-se sucedido com êxito, sempre com o fim beneficente.

Em um ano e pouco mais, realizámos 14 espectáculos de beneficência, em várias localidades.

Já temos os elementos suficientes—somos 20—para organizar um programa completo, tanto assim que, no dia 26, pela primeira vez, apresentar-nos-emos em Coimbra, no espectáculo promovido pela Filantropia Académica.

Êste ano, alguns rapazes abandonarão o Grupo. Estou incluído nesse número.

Conto, porém, com a dedicação dos que ficam. Êles saberão continuar a nossa obra de bemfazer, mantendo o pequeno núcleo que ajudei a constituir, digno da fama que já possui.

* * *

(Serrano Baptista, o homem que arrebatou Lisboa com suas canções, disse do Karminoff...)

Duas entrevistas

A impossibilidade de a tipografia fazer este número com mais páginas, obriga-nos a reservar para o próximo número uma entrevista com o Director do Centro Republicano Académico de Coimbra e outra com o Delegado da Academia Nacional-Sindicalista.

FRANCES

Pronto a falar em sete semanas

G. FRÉCHOU

177, Rua da Rosa, 177, 4.º-Esq.

Cursos 35\$ a 25\$ mensal—traduc-corresp-convers.

JUDICIOSAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE O ENSINO TECNICO PROFISSIONAL

O ensino tecnico profissional faz-se em condições excessivamente onerosas para o Estado, mas o Estado gasta com ele muito menos do que se torna necessário à sua eficiência

Prêviamente marcada a nossa entrevista, fomos por S. Ex.^a recebidos na sua residência—Rua Pinheiro Chagas, 62—com aquela amabilidade que lhe conhecemos.

As razões que ali nos levaram já as tínhamos exposto quando pedimos audiência,—o exame de conjunto sobre o ensino técnico profissional—os cumprimentos foram tão affectuosos como rápidos.

As primeiras palavras do Snr. Dr. Jacobetty são de homenagem ao nosso jornal que serve de prefácio à nossa palestra.

—Antes que inicie as minhas considerações, não quero deixar de pôr em evidência o alto interesse que, em minha opinião, oferece para as novas gerações a vitalidade de que vem dando provas o órgão de imprensa da mocidade escolar portuguesa.

Todos os que têm applicadas ao ensino as suas preferências intellectuais—peço-lhe que saliente isto—devem regosijar-se com o facto, estimular os novos que devotadamente se dedicaram a uma tão árdua quanto necessária tarefa, e prestar-lhes todo o auxilio possível, com o contributo da sua experiência e dos princípios orientadores em que ela frutificou.

Acedendo gostosamente ao amável pedido do jornal de que V. é director, e lamentando que o exiguo tempo livre de que disponho me não tenha permitido satisfazê-lo ha mais tempo, marcando só para hoje este nosso encontro, direi o que sobre ensino técnico profissional me parece de maior urgência e utilidade submeter à atenção de todos quantos, por dever de officio, ou subordinação de interesses, seguem atentamente dêsse importantissimo ramo do ensino público.

—É verdade que o ensino técnico carece de reformas urgentes?

—Não é um problema posto, desde já, o problema da reforma do ensino técnico profissional. Depois da última reorganização entrou-se numa fase de ajustamento e de experiência que não convém perturbar e não se divisa ainda uma firme tendência das esferas superiores para integrar os problemas do ensino técnico profissional num plano geral de instrução mais conforme com as necessidades da nossa época.

Mais tarde—e não passará muito tempo sem que essa necessidade se imponha—o ensino técnico profissional será o complemento indispensável da instrução primária e como tal tornado obrigatório.

—O ensino comercial e industrial obrigatório?

—Sim. Mas isso é um problema muito complexo e que requereria um grande desenvolvimento. Deixemo-lo para outra vez se lhe interessar.

—É um problema tão interessante como curioso e por isso, a despeito da sua promessa de podermos trata-lo noutra ocasião permita-me já uma pequena curiosidade: Qual o papel que ficaria reservado aos liceus?

—Os liceus restringirão a sua função cultural, especializando-se na preparação exclusiva dos candidatos às universidades clássicas e o facto de se verificar uma tendência contrária à gratuidade do ensino liceal, mais aconselha o alargamento do âmbito educativo da escola profissional onde o principio da gratuidade tem sido mantido quasi puro.

Este novo quadro do plano de instrução pública não se realizará, eficientemente sem que entre nós se organize a intervenção em sólida bases científicas dos modernos processos de selecção das populações escolares. O Instituto de Orientação Profissional é o embrião de onde resultará, certamente, o futuro sistema official de aperfeiçoamento do ensino por autenticos métodos pedagógicos e pedológicos.

—Isso são aspirações muito louváveis mas que só «à la longue» poderão tornar-se realidades. Ora qual é o estado actual do ensino técnico?

—Se me pede uma análise ao ensino técnico profissional, começarei por apontar algumas facetas dêsse ensino que desde já podem suscitar ao legislador úteis providências de detalhe.

Começemos por este aparente paradoxo: O ensino técnico profissional faz-se em condições excessivamente onerosas para o Estado, mas o Estado gasta com ele muito menos do que se torna necessário à sua eficiência.

Dr. Jacobetty Rosa, professor de raras qualidades da Escola Ferreira Borges, jornalista que na imprensa tem desenvolvido apreciável e proveitosa actividade, fala à "Academia Portuguesa,"

—!!!

—Demonstrando:

1.^o—O ensino dêste ramo faz-se em condições excessivamente onerosas considerando o rendimento dêsse ensino que, por vezes, é ridiculo.

Cada aluno aprovado nos cursos técnicos profissionais de comércio (é este o sector sobre o qual posso pronunciar-me com mais autoridade) custa ao Estado uma verba que, a calcular-se, deve assustar quem nunca sobre o assunto tenha meditado proveitosamente. Ha turmas cujo rendimento anda por menos de 20 % dos alunos matriculados no começo do ano. Causas: a) perda do ano por faltas; b) falta de aproveitamento escolar. Causas que são comuns a todos os ramos e graus do ensino mas que têm nestas Escolas um caracter de acuidade muito especial que cumpre analisar:

a) Perda do ano por faltas: A população dos cursos técnicos profissionais é constituída, principal-

Número especial

dedicado á

Academia de Coimbra

mente nos cursos noturnos, por empregados no comércio ou na indústria, menores uns, maiores outros, todos provendo ou procurando prover à sua própria subsistência. A luta pela vida começa cedo nas classes cujos filhos frequentam as nossas Escolas.

Essa luta efectiva se em condições na generalidade muito desfavoráveis: ambiente familiar de indigência (má alimentação, ausência de cultura moral, ausência de higiene, curiosidade instrutiva quasi nula, ausência de normas educativas conscientes); condições físicas deprimidas ou viciadas (degenerescências, fraqueza resultante da falta de alimentação, doenças hereditárias, ausência de assistência médica periódica permitindo o agravamento do quadro patológico); trabalho excessivo (falta para os alunos empregados dum horário de trabalho efectivo segundo as prescrições legais, havendo alunos que trabalham 10 horas e mais; falta de tempo para comer as refeições a horas certas e sem precipitação, havendo alunos que trabalham enquanto almoçam e que jantam depois das aulas, ou seja, depois das 23 horas; necessidade de estudar durante a madrugada ou nos escassos intervalos da labuta profissional, quando os ha; sujeição a um regimen de trabalho uniforme, sem atenção pelas suas edades que oscilam entre 12 e 38 anos).

Estes dois factores, ambiente familiar de indigência e trabalho excessivo, levam o aluno a uma frequência irregular e forçam-no, muitas vezes, a abandonar o trabalho escolar, do qual não depende a satisfação imediata das suas necessidades.

—Em que bases deveria assentar a reforma do ensino tecnico para a sua salutar eficiência?

A Escola deveria ter uma função educativa geral que suprisse a falta de ambiente educativo familiar; deveria poder solicitar o auxilio de organismos de assistência apropriados em favor de alunos e familias de alunos atravessando uma crise material ou moral que requeresse um auxilio urgente; deveria dispor dos meios materiais necessários ao desenvolvimento das cantinas escolares; deveria organizar

um plano de educação física ajustado à idade e às necessidades de desenvolvimento dos seus alunos; deveria poder dar, nos devidos termos, assistência médica pedológica e extra-escolar ao aluno, desde a sua entrada na escola; deveria poder exercer, por meio de conferências e individualmente, uma larga propaganda junto dos alunos e de suas familias sobre as finalidades escolares e dos principios collaboracionistas que subentende o recurso ao ensino official.

Quanto à reforma como já lhe disse ainda se não fizeram sentir os efeitos da reforma última.

B) Falta de aproveitamento escolar: Esta segunda razão do fraco rendimento do ensino técnico profissional tem causas associadas com as já indicadas para a perda do ano por faltas, como sejam as condições físicas deprimidas da maioria dos alunos, as más condições alimentares, a resistência oposta pelo ambiente familiar e, muito especialmente, a falta de um horário de trabalho que estabeleça convenientemente a divisão do tempo entre as suas occupaões escolares.

É urgente estabelecer para os alunos das Escolas Técnicas Profissionais que estejam empregados um horário de trabalho especial, para a fiscalização do qual a Escola pode e deve contribuir. É um problema cuja solução levará, possivelmente à obrigatoriedade do ensino profissional.

—Mas sem sairmos das reformas intra-escolares, sem irmos além da inovação de métodos, da modificação de programas e horários não se poderia obter muito de aproveitável?

—Sim. De facto o aluno, principalmente nas aulas noturnas, encontra-se exgotado, incapaz, muitas vezes, de qualquer esforço de atenção, por pequeno que seja, muito principalmente quando aguarda a saída da Escola para ir jantar. Nada de útil se pode fazer quando o aluno se apresenta nestas condições. Mas as escolas podem remediar um pouco todos estes factores contrários a um bom rendimento escolar.

—Como?

—Desde que lhes oponham meios de selecção e os desdobramentos de turmas necessários a uma tão grande quanto possível intensificação e individualização do ensino.

—E como obter essa individualização?

—Para tanto cumpre levar as Escolas Técnicas Profissionais à prática racionalizada dos processos selectivos preconizados pelo Instituto de Orientação Profissional—cuja colaboração se torna, neste particular, verdadeiramente indispensável—e dar a necessária elasticidade ao numero de alunos de cada turma.

—Snr. Doutor, desculpe a interrupção, mas desejaria canalizar um momento da sua análise para o aspecto material em que é ministrado o ensino tecnico.

—Ora precisamente um outro aspecto da intensificação do ensino diz respeito à modernização do material didático, mas deixemos este ponto para tratarmos dele adeante quando analisarmos a segunda parte do paradoxo que lhe aponte.

—E que é?

—O Estado gasta com o ensino técnico profissional menos do que se torna necessário à sua eficiência.

* * *

Não nos permite a falta de espaço inserir toda a análise do sr. Dr. J. Jacobetty ao estado actual do ensino técnico que muito deve interessar os estudantes das escolas comerciais e industriais, o próprio corpo docente e quem tem responsabilidades directivas.

Concluiremos no próximo numero.

Quereis conhecer a legislação que vos rege?

Assinaí a

«ACADEMIA PORTUGUESA»